Será que o telefone só toca de lá para cá?

"Se há algo complicado é o fanatismo, pois faz ver 'verdades' e ter 'certezas' nas maiores bizarrices..." (WELLINGTON BALBO)



Infelizmente, temos percebido que, no movimento espírita brasileiro, há pessoas que fazem de tudo para depreciar o pensamento alheio. Chegam, muitas vezes, até mesmo a desvirtuar o que foi dito, não sabemos se por incapacidade de interpretação, por pura má vontade ou se o fazem deliberadamente. O certo é que recorrem a uma verborragia ferina contra aqueles que pensam de modo diferente.

A frase "***O telefone só toca de lá para cá***" dita por Chico Xavier (1910-2002) ([1]), é tomada literalmente pelos "doutos de Espiritismo", que a comparam às orientações de por Allan Kardec (1804-1869), numa tentativa de demonstrar o suposto "erro crasso" do médium.



A fonte dessa imagem não será identificada, pois nossa intenção é apenas a de tentar colocar as coisas nos devidos lugares, retirando as ilações que surgiram por aí. Conseguimos encontrar, entretanto, três fontes que fazem referência a essa frase, que identificamos:

1ª) Em ***Luz Bendita*** (1977), o autor Rubens Silvio Germinhasi apresenta vários depoimentos a respeito de Chico Xavier, dentre os quais destacamos o de Daisy Andrade Pastor Almeida, que, a certa altura, disse:

> As lições chegam, na conversa amiga, como mensagens diretas a quantos necessitam delas. Outras vezes, em visita ao querido amigo em Uberaba, **encontrei-me com grande número de pais aflitos, desesperados, em busca de notícias dos filhos queridos**, que deixaram a vida, quase todos ainda jovens. Observe-se que nem todos são espíritas. Há casos de pessoas sem crença que foram levadas por amigos e por misericórdia de Deus, recebem suas mensagens e saem banhadas de pranto, consoladas, impressionadas mesmo com a autenticidade dos nomes, dos fatos relatados pelos comunicantes. É a prova da sobrevivência do espírito e de sua comunicação com os encarnados.
>
> Numa dessas ocasiões, **um senhor perguntou ao Chico: "Porque ainda não recebi notícias de minha filha? Já vim aqui várias vezes e ainda não tive essa felicidade..."** O Chico, amável como sempre, **respondeu: "Não depende de mim, meu irmão; o telefone toca de lá para cá e não daqui para lá."** O senhor agradeceu a resposta e pensativo saiu esperando nova oportunidade. (2) (grifo nosso)

2ª) No livro ***Chico Xavier: o Homem e a Obra*** (1997), no capítulo "Orientações e opiniões", de autoria de Antônio Cesar Perri de Carvalho, lemos:

> O TELEFONE
>
> Ainda nos tempos de Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, após psicografar algumas mensagens em reunião pública, **uma senhora acercou-se dele e lamentou não ter recebido notícias do ente querido desencarnado**. Chico Xavier respondeu-lhe afetuosamente:
>
> – "**Minha filha, o telefone só toca de lá para cá...**"
>
> Aí está uma questão para ser estudada e meditada com base em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. (3) (grifo nosso)

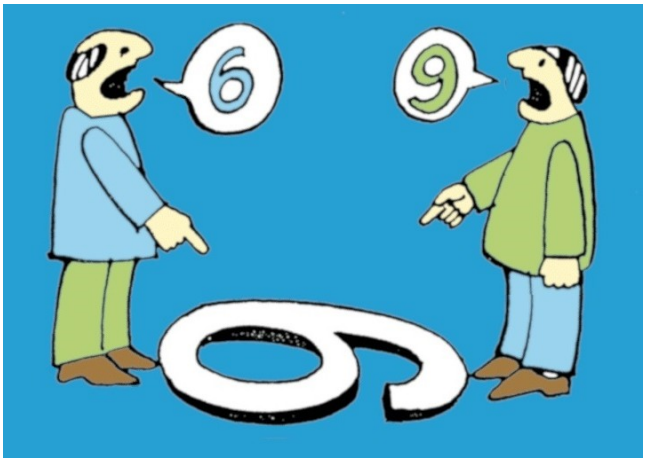
3ª) Na obra ***Por Trás do Véu de Ísis: Uma Investigação Sobre a Comunicação Entre os Vivos e Mortos*** (2004), o jornalista Marcel Souto Maior insere o capítulo "O telefone só toca de lá para cá", do qual destacamos:

> A psicografia de mensagens particulares – Chico ensinava aos discípulos – devia ser acompanhada por um sentido de vigilância e disciplina permanentes do médium, **para evitar enganos provocados pela autossugestão ou pelo desejo de atender às expectativas de pais** destruídos pela perda de filhos – **famílias muitas vezes ávidas por fornecer ao médium o máximo de informações sobre seu drama na esperança de receber, em troca, uma mensagem**.
>
> Chico tomava cuidado para não ser levado a essas parcerias inconscientes e não se tornar "psicógrafo" de redações ditadas ou encomendadas, inconscientemente, pelas famílias em busca de notícias dos entes queridos e de evidências da sobrevivência deles em outro plano.
>
> – **O telefone só toca de lá para cá** – Chico repetia sem cessar.
>
> Muitas vezes, o médium abraçava os pais em desespero e chorava junto com eles. […]. (4) (grifo nosso)

Alguns espíritas entendem que a afirmação "*O telefone toca só de lá pra cá*" seria uma das frases mais anti-Kardec e antidoutrinária já ditas e acolhidas no movimento espírita brasileiro, sob o argumento de que Allan Kardec teria ensinado e demonstrado Nessa linha de raciocínio, portanto, a frase deveria ser invertida: "o telefone toca daqui para lá". Mas será que é realmente esse o sentido da afirmação de Chico Xavier?

Marcel Souto Maior, mais preocupado com a investigação do fenômeno quanto à sua autenticidade, viu na frase uma maneira de Chico Xavier evitar que as informações fornecidas pelos pais não fossem reproduzidas nas mensagens por autossugestão. Com isso, demonstra ter mais lucidez que muitos espíritas.

Será que está imagem (5) representaria bem essa situação?



Moral da história: cada um vê com a “cor” de seu interesse.

Mas o que será que Chico Xavier quis dizer com essa frase? Para sermos justos, temos que analisar o seu teor dentro do contexto do trabalho mediúnico de Chico Xavier. Sabemos que pessoas de todas as religiões o procuravam em busca de uma mensagem de um ente querido já desencarnado, as chamadas “cartas consoladoras”.

Muitas das pessoas que se dirigiam ao médium queriam saber por que ainda não haviam recebido nenhuma carta, supondo ser ele o responsável pelo resultado. Nesse contexto, considerando que o público era constituído, em sua maioria, por não espíritas, é possível compreender a frase “o telefone só toca de lá para cá”, como uma forma de explicar que não cabia a ele, como médium, evocar determinado Espírito. As comunicações ocorreriam segundo uma programação espiritual sobre a qual ele pessoalmente não teria controle. É possível que Emmanuel, seu mentor espiritual, exercesse papel nessa programação, conforme o que se encontra relatado sobre a relação entre ambos.

Ademais, nenhum médium tem poder para forçar determinado Espírito a se manifestar, caso ele não queira ou não possa fazê-lo, ou quando houver desígnios superiores que impeçam a manifestação.

Vejamos, por oportuno, as seguintes considerações do Codificador, em ordem cronológica:

1ª) *Revista Espírita 1859*

Em seu discurso de encerramento do ano social 1858-1859, publicado no mês de julho, Allan Kardec, deixa bem claro que:

> [...] Com efeito, já sabeis pela experiência que **não basta chamar casualmente o Espírito de tal ou qual pessoa. Os Espíritos não vêm assim ao sabor de nosso capricho**, nem respondem a tudo quanto a fantasia nos leva a lhes perguntar. (6) (grifo nosso)

2ª) *Revista Espírita 1861*

Do caso “O suicídio de um ateu”, inserido na seção “Conversas familiares de além-túmulo”, do mês de fevereiro, destacamos o seguinte trecho:

> “Duas palavras ainda, senhor, sobre o vosso pedido de evocação no mesmo dia em que eu devia receber a carta. As evocações não são feitas assim, às pressas; **nem sempre os Espíritos respondem ao nosso apelo; para tanto é necessário que o possam ou o queiram**; além disso, **é preciso um médium que lhes convenha** e que este tenha a aptidão especial necessária; que esse médium esteja à disposição em dado momento, que o meio seja simpático ao Espírito, etc. **São circunstâncias** pelas quais não podemos responder jamais e q**ue importa conhecer** quando se quer fazer coisa séria.” ([7]) (grifo nosso)

3ª) *Revista Espírita 1863*

Do artigo “Ainda uma Palavra sobre os Espectros Artificiais e ao Sr. Oscar Comettant”, publicado em agosto, destacamos:

> […] O Espiritismo também nos ensina que **os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem quer que pretenda tê-los à sua disposição e os governar à vontade**, pode, com toda a razão, passar por ignorante ou charlatão; que tanto é ilógico quanto irreverente admitir que os Espíritos sérios se submetam ao capricho do primeiro que chegue e os pretenda evocar, a qualquer hora e a tanto por sessão, para lhes fazer representar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado à idéia de que a alma do ser que se chora venha a troco de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que **os Espíritos não se comunicam facilmente, nem de boa vontade, por certos médiuns**; que entre estes últimos os há absolutamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação de fluidos. Pode, pois, entre o Espírito e o médium, haver atração ou repulsão, conforme o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as similitudes morais e a afeição. […]. ([8]) (grifo nosso)

4ª) *Revista Espírita 1864*

a) Do artigo “O Sr. Home em Roma”, publicado em fevereiro:

> […] Aliás, ele também sabe que **os Espíritos não estão às ordens nem aos caprichos de ninguém** e, menos ainda, de quem quer que queira exibir seus atos e gestos a tanto por sessão. **Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num dado momento,** donde forçoso é concluir que a pretensão contrária dá prova de absoluta ignorância dos mais elementares princípios da ciência; sendo assim, toda suposição é permitida, porque se os Espíritos não responderem ao chamado, ou não fizerem coisas muito admiráveis para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é mesmo necessário encontrar um meio de as dar aos espectadores em troca de seu

dinheiro, se não se quiser devolvê-lo. ([9]) (grifo nosso)

b) Do artigo “Resumo da lei dos fenômenos espíritas”, publicado em abril:

> 19 – Outro ponto a considerar, igualmente essencial, é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois têm as suas ocupações. N**ão estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e a ninguém é dado fazê-los vir contra a sua vontade, nem a dizer o que querem calar**. Daí por que **ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá a seu apelo em determinado momento**, ou responderá a esta ou àquela pergunta. Dizer o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. Só o charlatanismo tem fontes infalíveis. ([10]) (grifo nosso)

5ª) *Revista Espírita 1865*

Do artigo “Os dois espiões”, publicado em junho:

> **O Espiritismo jamais disse que os Espíritos**, quaisquer que sejam, **venham à vontade de um médium qualquer**; ao contrário, diz que **eles não estão às ordens de ninguém**; que **vêm quando querem e podem**. Faz mais, pois demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegar. ([11]) (grifo nosso)

6ª) *O Que é o Espiritismo*

A base será a 6ª edição publicada em 1865, provavelmente em junho. Do capítulo “II – Noções elementares de Espiritismo”, identificamos dois itens: o 42, do tópico “Comunicação com o mundo invisível”, que tem o mesmo teor do item 19 do artigo “Resumo da lei dos fenômenos espíritas”, publicado na *Revista Espírita 1865*, em abril, portanto resta-nos transcreve apenas o item 59, do tópico “Dos médiuns”:

> 59. O médium não tem mais que a faculdade de se poder comunicar, **mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos**. Se estes não quiserem manifestar-se, aquele nada obterá; será qual instrumento sem músico que o toque.
>
> **Visto que os Espíritos só se comunicam quando querem ou podem, não estão sujeitos ao capricho de ninguém; *nenhum médium tem o poder de forçá-los a se apresentarem*.** Isto explica a intermitência da faculdade nos melhores médiuns, e as interrupções que sofrem, às vezes, durante muitos meses. Seria, pois, um erro comparar a mediunidade a uma propriedade do talento. O talento adquire-se pelo

> trabalho, quem o possui é sempre dele senhor; ao passo que o médium nunca o é de sua faculdade, pois que ela depende de vontade estranha. (12) (itálico do original, negrito nosso)

7ª) ***O Céu e o Inferno***

Primeira edição publicada em agosto de 1865. Da Segunda Parte, cap. V – Suicidas, caso “Um ateu”, transcrevemos os seguinte trecho da correspondência de Allan Kardec:

> […] Todavia, um conhecimento mais aprofundado vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, **solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos ao nosso bel-prazer. Eles nos respondem como e quando querem, e também como podem**. Sua liberdade de ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de escaparem ao constrangimento moral que por acaso queiramos exercer sobre eles. […].
>
> […].
>
> “Duas palavras ainda, senhor, quanto ao pedido que me fizestes de promover essa evocação no mesmo dia do recebimento de vossa carta. **As evocações não se fazem assim de improviso e a toque de caixa. Os Espíritos nem sempre correspondem ao nosso apelo; é preciso que queiram e, também, que possam fazê-lo.** É preciso ainda que encontrem um médium que lhes convenha, com as aptidões especiais necessárias e que esse médium esteja disponível em dado momento. É preciso, enfim, que o meio lhes seja simpático etc. São circunstâncias que nem sempre podem ser satisfeitas, importando muito conhecê-las quando se quer fazer a coisa com seriedade.” (13) (grifo nosso)

7ª) ***Revista Espírita 1865***

Do artigo “Os irmãos Davenport”, publicado em outubro:

> A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas, assim como se precisa de um músico para que um instrumento toque uma ária, necessita-se de Espíritos para que um médium produza *efeitos mediúnicos*. **Os Espíritos vêm quando querem e *quando podem***, donde resulta que **o médium mais bem dotado por vezes nada obtém**; é como um instrumento sem músico. **É o que se vê todos os dias**; é o que acontecia ao **Sr. Home,** que muitas vezes **ficava meses inteiros sem nada produzir**, a despeito de seu desejo, ainda que em presença de um soberano. (14) (itálico do original, negrito nosso)

8ª) ***Revista Espírita 1869***

Do artigo “Processo das Envenenadoras de Marseille”, publicado em janeiro, ressaltamos:

> […] **os Espíritos são livres**, mais livres do que quando estavam encarnados, e que **pretender submetê-los aos nossos caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar a nosso bel-prazer, para o nosso divertimento ou o nosso interesse, é uma ideia quimérica**; que **vêm quando querem, da maneira que querem e a quem lhes convém**; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é nossa instrução e nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida, que podemos fazer ou encontrar por nós mesmos e, ainda menos, servir à cupidez; enfim, que em razão de sua própria natureza e do respeito que se deve às almas dos que viveram, é tão irracional quanto imoral manter escritório aberto para consulta ou exibição de Espíritos. **Ignorar estas coisas é ignorar o abecê do Espiritismo**; […]. ([15]) (grifo nosso)

Acreditamos que tenha ficado bem claro que o “controle” das manifestações cabe aos Espíritos, que não estão sujeitos à imposição de encarnados.

O caro amigo Alexandre Fontes Fonseca nos lembra o item 273 de ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, cap. XXV – Evocações, no qual lemos:

> 273. **Geralmente, os médiuns são muito mais procurados para as evocações de interesse particular** do que para comunicações de interesse geral. **Isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de conversar com os entes que lhes são caros**. A propósito, julgamos por bem fazer algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que **não atendam a esse desejo, senão com muita reserva**, caso se trate de pessoas de cuja sinceridade eles não estejam completamente seguros, e que se acautelem contra as armadilhas que pessoas malfazejas lhes possam preparar. Em segundo lugar, que não se prestem a tais evocações sob nenhum pretexto, se só perceberem motivo de curiosidade ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa, ou que saia do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos Espíritos. […]. ([15]) (grifo nosso)

Essa justíssima orientação de Allan Kardec referia-se às reuniões em que ocorriam manifestações de Espíritos de uma forma geral. Não entendemos que ela seja aplicada, da mesma maneira, às situações em que o médium Chico

Xavier se dedicava ao recebimento das “cartas consoladoras”, pois, nesse caso, as manifestações, conforme supomos, estavam sujeitas a orientação de Emmanuel.

Assim, entendemos, que o teor da frase dita por Chico Xavier não deve ser tomado ao pé da letra, no sentido de que o médium fosse era contrário à possibilidade de evocar os Espíritos. Se assim fosse o sentido, realmente haveria uma contradição com o que encontramos em *O Livro dos Médiuns*. Entretanto, acreditamos que não era nesse sentido que Chico Xavier empregava a expressão.

Como dissemos, as milhares de pessoas que batiam à sua porta querendo se comunicar com parentes ou amigos eram justamente aquelas a quem Chico Xavier dizia isso. Com a frase, ele estaria apenas explicando que o recebimento de uma mensagem não dependia de sua vontade. Dessa forma de nada adiantaria querer se comunicar com o Espírito A, B ou C, pois os se manifestariam conforme as condições e permissões da esfera espiritual, uma vez que nem todo desencarnado estaria em condições de transmitir uma mensagem naquele momento.

Inclusive, várias mensagens recebidas pelo médium foram transmitidas por um intermediário, e não diretamente pelo próprio parente desencarnado. Simples, assim, sem nenhuma complicação.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
jul/2023.
Revisão: Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes

Referências bibliográficas:

CARVALHO, A. C. P. *Chico Xavier: o homem e a obra*. São Paulo: Edições USE, 1997.

GERMINHASI, R. S. *Luz Bendita*. São Paulo: Ideal, 1992.

KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Brasília: FEB, 2008..

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Brasília: FEB, 2008.

MAIOR, M. S. *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre os vivos e mortos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2024.

CLOUD COACHING, *Ponto de vista*, disponível em: https://cdn.cloudcoaching.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ponto-de-vista-1200x628-1-1200x1200.png.webp. Acesso em: 20 jul. 2023.

SOCIEDADE CATARINENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS, Chico Xavier, disponível em: https://scee.org.br/wp-content/uploads/2023/08/imagem-226.jpeg. Acesso em: 15 mar. 2026.

Notas:

(1) Chico Xavier (imagem), recorte capa do livro “*Chico Xavier: Uma Alma Feminina*”, publicado pela Ethos Editora.

(2) GERMINHASI, *Luz Bendita*, 78-79.

(3) CARVALHO, *Chico Xavier: o homem e a obra*, p. 67.

(4) MAIOR, *Por Trás do Véu de Ísis: Uma Investigação Sobre a Comunicação Entre os Vivos e Mortos*, p. 32.

(5) CLOUD COACHING, *Ponto de vista*, disponível em: https://cdn.cloudcoaching.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ponto-de-vista-1200x628-1-1200x1200.png.webp

(6) KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 263.

(7) KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 95-96.

(8) KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 337-338.

(9) KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 55.

(10) KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154.

(11) KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 246.

(12) KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 171-172.
(13) KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 280-281.
(14) KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 416.
(15) KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 38.
(16) KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 297-298.